

RELACÕES ENTRE HISTÓRIA E FILOSOFIA OU A COMPLEXIDADE DA REFLEXÃO HISTÓRICO-FILOSOFICA EM *RAZÃO E HISTÓRIA* (1940), DE VITORINO MAGALHÃES GODINHO

NUNO MOREIRA*

Resumo: *Uma reflexão sobre o outro revela-se estimulante. Este artigo divide-se em duas partes. Na primeira, estabelece-se um enquadramento teórico-conceitual genérico das relações entre a Filosofia e a História, sublinhando a importância de autores como Roger Chartier (que efectuou leituras parcialmente tributárias de Foucault e de Certeau).*

Na segunda parte, analisa-se Razão e História (Introdução a um problema) de Magalhães Godinho. Esta dissertação de licenciatura (1940) tematiza o neopositivismo presente em trabalhos anteriores de Abel Salazar, Delfim Santos ou ensaios subsequentes, da autoria de Vasco Magalhães-Vilhena ou Egídio Namorado, parecendo configurar um racionalismo crítico.

Palavras-chave: História; Filosofia; Razão e História; Magalhães Godinho.

Abstract: *A reflection about the other proves to be stimulating. This article is divided into two parts. At first, it establishes a generic theoretical and conceptual framework of the relations between philosophy and history, highlighting the importance of authors such as Roger Chartier (who has done readings of Foucault and Certeau).*

In the second part this article analyzes Razão e História (Introdução a um problema) written by Magalhães Godinho. This degree thesis (1940) thematizes this neopositivism in previous works of Abel Salazar, Delfim Santos or subsequent essays, authored by Vasco Magalhães-Vilhena or Egídio Namorado, looking to set up a critical rationalism.

Keywords: History; Philosophy; Razão e História; Magalhães Godinho.

1. HISTÓRIA E FILOSOFIA SOB O PRISMA DA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

Pode parecer inusitado ou, no mínimo, inesperado analisar o trabalho de Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011), eminente historiador português, numa perspectiva atenta a temas filosóficos. Todavia, em *Razão e História*, o autor cruza de modo muito claro Filosofia e História. No entanto, convirá esclarecer que este cultor de *Clio* se licenciou em Histórico-Filosóficas em 1940, situação que indicia a natureza da sua formação, vocacionada, desde cedo, para o diálogo entre duas áreas de saber distintas, mas complementares. Esta-

* CITCEM.

belece-se, em seguida, um enquadramento teórico-conceptual genérico das relações entre a Filosofia e a História, pelo prisma da História da Historiografia, sublinhando a importância de intelectuais como Pascal Engel, Roger Chartier, e destacando uma polémica recente em torno do filósofo da História Chris Lorenz, de modo a problematizar lugares-comuns. Esta contextualização prepara o cerne desta investigação: a análise de *Razão e História (Introdução a um problema)*. O seu labor cruza a História da Ciência e da Filosofia com a Teoria do Conhecimento, a Lógica, a Matemática, a Física e a Psicologia.

Segundo a hipótese sugerida e esboçada por José Luís Brandão da Luz, no seu estudo intitulado *Introdução à Epistemologia...*, a obra de Magalhães Godinho em análise inscreve-se num contexto mais vasto, dado que tematiza o neopositivismo, a exemplo do que acontecera com estudos anteriores de Abel Salazar (publicados entre 1935 e 1940, dispersos por revistas e jornais), Delfim Santos (mormente em *Situação Valorativa do Positivismo*, de 1938) ou ensaios subsequentes, da autoria de Vasco Magalhães-Vilhena (que em 1941 deu à estampa *Unidade da Ciência. Introdução a um Problema*) ou Egídio Namorado (nomeadamente em *A Escola de Viena e alguns problemas de conhecimento*, de 1945)¹. Importa comparar o trabalho de Magalhães Godinho com o dos outros estudiosos citados, sublinhando o cariz histórico-filosófico de *Razão e História*. Nesta obra, o autor recusa o *irracionalismo* e supera o *empirismo* e o *racionalismo clássicos*, sustentando que as fragilidades que lhes encontra derivam do facto de não explicarem, respectivamente, a experiência e a razão.

1.1. HISTÓRIA, FILOSOFIA OU A PERSISTÊNCIA DA INCOMUNICABILIDADE?

Em 1995 foi dada à estampa em França a obra colectiva *L'Histoire et le métier de l'historien*, sob a direcção de François Bédarida, num momento em que vigorava a questão da *crise da história*. O trabalho em consideração problematiza esta matéria em diversas ocasiões, convergindo para a necessidade de reafirmação da cientificidade do reduto próprio de *Clio*. Na secção intitulada *Méthodologie Historique*, Roger Chartier debruça-se sobre *philosophie et histoire: un dialogue*. Todavia, esse diálogo é muitas vezes sinuoso, decorrendo, não raro, sob o signo da incomunicabilidade.

No entender de Roger Chartier, historiadores como Lucien Febvre reagiram mal contra uma história intelectual desenraizada, exclusivamente sincrónica e fechada sobre si mesma. Exemplo desse modo de fazer a História da Filosofia, centrado apenas em *ideias puras* ou *abstracções*, é, alegadamente, o trabalho levado a cabo por Etienne Gilson, na sua *Philosophie du Moyen Age*, ou por Martial Geroult em diversas ocasiões, nomeadamente numa *Leçon Inaugurale* no Collège de France, a 4 de Dezembro de 1951. Richard Rorty, num artigo de 1984, intitulado *The historiography of philosophy: four genres*, descreve algumas formas protagonizadas pela História da Filosofia praticada por filósofos após 1945. Interessava o cânone das questões propriamente filosóficas, deixando o enraizamento e a contextualização espaço-temporal, económica, política, institucional e social

¹ LUZ, 1987: 183.

dessas temáticas para segundo plano. Roger Chartier elege um exemplo da História da Filosofia da Ciência que pode ser frutuoso, elogiando o trabalho de Alexandre Koyré, que não se limita a uma perspectiva *internalista* e/ou *externalista* da ciência. Os enunciados sem os contextos são estéreis, enquanto estes sem as articulações discursivas ou os aprofundamentos temático-conceituais resultam inúteis. Roger Chartier afirma que «le devenir historique est organisé comme une continuité idéale et nécessaire»².

As estruturas devem ser dinâmicas, promovendo a irrupção singular e irredutível do evento, no seio de séries homogêneas e distintas construídas a partir de arquivos massivos (actos notariais, registos paroquiais, militares, arquivos portuários)³.

Roger Chartier segue o trilha proposto por Michel de Certeau, segundo o qual os cultores de *Clio* efectuam sempre um trabalho *à beira do abismo*, onde se cruzam e relacionam as condições institucionais de trabalho, os lugares nos quais se inscrevem e situam (estes são múltiplos e plurais, resultando conflituantes entre si), as práticas historiográficas, técnicas de pesquisa, mas também paradigmas, modelos e hipóteses a serem verificadas. Esta concepção de Certeau desnaturaliza as categorias de análise.

Na esteira de Foucault e de Certeau, Roger Chartier rejeita os perigos que associa a obras que recusam a cientificidade das práticas e dos discursos historiográficos. Cita, como exemplos dessa perspectiva que põe em causa, os estudos de Paul Veyne e de Hayden White, respectivamente *Comment on écrit l'histoire* e *Metahistory*⁴.

Pode haver filósofos que pensem que a História se reduz ao apuramento de factos positivos e historiadores que considerem que toda a Filosofia é *filosofia de matriz analítica*, desconhecendo dentro desta duas tradições: a anglo-saxónica e a continental⁵.

No mesmo ano em que foram publicadas as posições de Chartier em análise, em 1995, foi dado à estampa um balanço acerca da actualidade historiográfica e das suas relações com as outras ciências sociais e humanas, dirigido por Jean Boutier e Dominique Julia, intitulado *Passés Recomposés, champs et chantiers de l'histoire*, num momento em que se avaliava e problematizava uma suposta crise da História. A contribuição para esse volume que será destacada neste estudo intitula-se *La philosophie peut-elle échapper à l'histoire?* Foi escrita pelo filósofo Pascal Engel. Esta interrogação é significativa, lança retoricamente o debate. Percebe-se, desde logo, que o autor pode não defender a necessidade de articulação entre os dois saberes: «À mon sens, la philosophie peut s'accomplir sans qu'on fasse nécessairement histoire de la philosophie»⁶.

Engel opõe a *filosofia continental típica* à *filosofia analítica típica*, recusando ambas e propondo uma *filosofia analítica diversa*, situação que não o impede de, no debate iniciado em 1991, e continuado no ano seguinte, tomar partido pela leitura de Claude Panucci sobre Occam, contestando as acusações do historiador da Filosofia Medieval Alain de Libera ao filósofo analítico italiano. Ora, Engel rejeita o *relativismo* de Libera e

² CHARTIER, 1995: 154.

³ CHARTIER, 1995: 154-160.

⁴ CHARTIER, 1995: 164.

⁵ CHARTIER, 1995: 166.

⁶ ENGEL, 1995: 96.

apresenta um exemplo do senso comum; as visões, os argumentos e as metodologias acerca da Lua variam ao longo do tempo, é certo, mas esta foi, é e sempre será um astro. A referência é a mesma, ainda que sentidos e significações mudem⁷.

Bem diversa e distante da subscrição liminar dos pontos de vista da *filosofia analítica* de Engel é a abordagem do também filósofo e epistemólogo Chris Lorenz, que, na sua obra de 2009, *Bordercrossings: essays of philosophy of history and historiography*, demonstra, todavia, também, um interesse reduzido pela História da Filosofia, preferindo situar-se e inscrever-se nas áreas presentes neste título e no texto que lhe corresponde. Para o autor, os seus diferentes artigos então coligidos e possuem vários aspectos em comum⁸. Desde logo, a junção da epistemologia e da política na escrita da História, sem esquecer, igualmente, a necessidade da negação e da inversão de paradigmas na investigação (fornecendo, para tal, os exemplos da perspectiva de Marx face à de Hegel; de Braudel relativamente à *histoire événementielle*, ou da Micro-história em confronto com as *estruturas braudelianas*).

Para Chris Lorenz, a distância entre factos e valores deve ser amplamente matizada, advogando que Ankersmit inverte o *empirismo* e o *positivismo*, mantendo-os todavia, desde a sua tese de 1983, *Narrative Logics*, onde opõe os enunciados descritivos individuais e singulares às essências narrativas, posteriormente designadas *representações históricas*, como o *Feudalismo* ou o *Iluminismo*. Em resposta ao texto de Chris Lorenz, Hayden White não seguirá uma estratégia argumentativa assente na pressuposição do que os intelectuais querem dizer, centrando-se na análise dos textos, da respectiva superfície e do que neles se diz, nos planos retórico, linguístico e literário, evitando comentários, súmulas ou paráfrases, em nome de citações⁹.

O historiador Krzysztof Brzechczyn também entra na polémica suscitada pela obra de Lorenz publicada em 2009. Desde logo, discute a possibilidade das *Covering Laws de Hempel e da sua aplicação à história*, em seguida analisa a sua aceitação, ainda que crítica, pela escola de Poznam. Por outro lado, defende que o primado desta última pode ter atrasado a popularização do *narrativismo* na Polónia, que, devido também à falta de condições históricas até 1989, só ocorreu após esse ano emblemático¹⁰.

Por sua vez, Aviezer Tucker entra na polémica para analisar a perspectiva de Lorenz e propor uma Filosofia da Historiografia assente mais na escrita historiográfica do que na fase de pesquisa¹¹.

Ewa Domanska considera que Chris Lorenz repercutiu os pontos de vista de Imre Lakatos na defesa comum da teoria de inversão como instrumento de análise dos programas científicos. Por outro lado, entende que, segundo o autor holandês, o *narrativismo* comparece como a inversão do *empirismo clássico*. Domanska critica esta visão e defende o *novo empirismo*, inspirado em Deleuze e baseado no reequacionamento das relações¹².

⁷ ENGEL, 1995: 107-109.

⁸ LORENZ, 2014: 60-61.

⁹ WHITE, 2014: 71-74.

¹⁰ BRZECHCZYN, 2014: 75-87.

¹¹ TUCKER, 2014: 88-92.

¹² DOMANSKA, 2014: 93-94.

A derradeira interveniente desse debate em torno de Chris Lorenz, Monika Bobako¹³, discute e questiona um aspecto particular, a *Postcolonial theory and false dichotomies*, dado que, para a autora, a discussão epistemológica não deve plasmar-se conceptualmente numa lógica e numa chave dicotómicas, sejam de oposição ou de conciliação entre *positivismo* e *relativismo*. Bobako rejeita liminarmente esta ideia e considera que o respectivo prisma de análise deve deslocar-se para o âmbito da circunscrição histórica das relações de poder, situando-as. A terminar, Lorenz responde aos seus críticos, recusando, de novo, o *positivismo* e o *narrativismo* radicais¹⁴.

As revisões bibliográficas de trabalhos de Roger Chartier, Pascal Engel e o debate em torno do livro de Chris Lorenz *Bordercrossings: essays of philosophy of history and historiography* não pretenderam erigir estas obras como representativas de movimentos ou escolas, sinalizando, outrossim, através delas, algumas das posições possíveis na actualidade relativamente às relações entre a História e a Filosofia. Chartier analisa a História da Filosofia e a Filosofia da História, propondo uma perspectiva assente na tripla operação historiográfica de De Certeau: o lugar onde o historiador se situa; o trabalho de pesquisa, de teor metodológico e a escrita da História. Por outro lado, Lorenz, no âmbito da Filosofia da História, também promove, de modo diverso, a conciliação de questões epistemológicas com aspectos práticos, éticos e políticos, superando, no primeiro caso, a antinomia entre *positivismo* e *narrativismo*, em nome de um realismo interno. Impõe-se um recuo no tempo.

2. RAZÃO E HISTÓRIA (INTRODUÇÃO A UM PROBLEMA)

2.1. ENQUADRAMENTO

No final do ano lectivo de 1939-1940, Vitorino Magalhães Godinho licenciou-se em Histórico-Filosóficas com uma tese intitulada *Razão e História (Introdução a um problema)*. A Segunda Guerra Mundial tinha principiado naquele ano de 1939, trazendo um lastro de destruição e morte. Apesar de Portugal não ter entrado directamente neste conflito à escala mundial, era impossível a um estudante informado não tentar perceber a marcha da humanidade naquele momento.

Sobre o contexto epocal de *Razão e História*, José Manuel Guedes de Sousa faz referência explícita à Segunda Guerra Mundial e à forma como marcou os anos quarenta, notando igualmente que, antes da dissertação de licenciatura, Magalhães Godinho realizara pequenos artigos e algumas traduções:

*Os desenvolvimentos da II Guerra Mundial levaram a uma importante recomposição da oposição portuguesa [...]. Este decénio marcou ainda um período delimitado na vida de Magalhães Godinho. 1940 foi o último ano da sua licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, da qual resulta o primeiro trabalho de maior fôlego, Razão e História (introdução a um problema)*¹⁵.

¹³ BOBAKO, 2014: 95-97.

¹⁴ LORENZ, 2014: 98-103.

¹⁵ SOUSA, 2012: 11.

Antes de abordar mais detidamente a dissertação de licenciatura de Vitorino Magalhães Godinho, importa tentar sublinhar as suas inclinações para a Engenharia e a Matemática durante toda a formação prévia à Universidade¹⁶.

2.2. ANÁLISE DE *RAZÃO E HISTÓRIA*

Do ponto de vista da estrutura, a obra em análise apresenta uma introdução, não designada enquanto tal, que constitui, nos termos do investigador, uma *Breve Posição do Problema*, à qual se seguem três capítulos, respectivamente sobre *o mito dos dois mundos, a ciência e a lógica formal* e *o esquema da identificação e a lógica da razão*. Quanto à parte preambular, Magalhães Godinho escolhe um título relevante pelas possibilidades que perfila. Começa o seu labor intelectual pela descrição de um impasse. Subentende-se que até ao momento em que escreve, segundo a sua própria convicção:

*Pela evolução da ciência e da técnica no século XX o homem podia libertar-se dos velhos mitos que lhe velavam a compreensão do universo e resolver os problemas de organização social que lhe velavam a beleza da vida*¹⁷.

O historiador coloca instrumentalmente em funcionamento a recuperação dos temas da nova metafísica pela filosofia, cristalizando numa imagem forte, a de um ape-drejamento:

*Em Filosofia, como em política e em arte, o entusiasmo pelas conquistas da ciência, a confiança na razão e o equilíbrio do sentimento de humanidade profundíssimo foram apedrejados*¹⁸.

Magalhães Godinho exime-se a nomear os protagonistas das diversas orientações filosóficas contra as quais se coloca. Não distingue diversas formas de *irracionalismo*, que podem estibar-se no *niilismo nietzschiano*, no *vitalismo* de Bergson, no *idealismo* de Croce, nem procura as diversas cambiantes, características ou contradições no percurso destas personalidades, tomando a nova metafísica em bloco.

Ora, o historiador defende que a razão pode não ser apenas a razão universal herdada do *racionalismo histórico*, dado que esta mantinha a sua importância no momento em que o autor escreve, mas não era única nem exclusiva, importando, para perceber a importância da razão na História, não renunciar à História da razão.

Todo o racional é real, todo o real é racional. Magalhães Godinho termina esta *Breve posição do Problema* com uma frase de sentido semelhante, após ter deixado claro que convém examinar os fundamentos da lógica transcendente e da lógica formal: «O carácter histórico da razão e o carácter racional da história asseguram a unidade do género humano e [...] eliminam a inspiração irracionalista»¹⁹.

¹⁶ GODINHO, 1971: XVIII.

¹⁷ GODINHO, 1971 [1940]: 5.

¹⁸ GODINHO, 1971 [1940]: 5.

¹⁹ GODINHO, 1971 [1940]: 9.

No primeiro capítulo, Magalhães Godinho procura abordar diacronicamente a História da Geometria, da Matemática e da Física, de modo a comprovar que: «causa profunda do mal-entendido entre a razão e o devir reside nas circunstâncias históricas que por mais de uma vez provocaram as crises da física geométrica»²⁰.

O intelectual reconhece que as civilizações orientais e helénica conheceram, à sua escala, um desenvolvimento prático apreciável, mas que nunca penetrou suficientemente nos pensadores, aspirantes à *protocientificidade*, dominando a visão platónica e aristotélica, convergentes na afirmação de que só era possível uma ciência do geral, impossibilitando a compreensão do mundo sensível. No entender do historiador em consideração, a Escolástica medieval também não logrou um conhecimento científico. Assimilou a herança clássica, mas não absorveu os indícios e as sugestões, esparsos embora, que esta desenvolvera, com vista a uma progressiva organização e afirmação, oscilando entre o realismo e o nominalismo, entre a dedução baseada na pura forma e a abstracção de generalidades a partir do trabalho empírico²¹.

No século XIV agitou-se e desagregou-se a sociedade senhorial, devido aos movimentos religiosos, aos motins da *arraia-miúda* e ao desenvolvimento da sociedade mercantil, prestes a lançar-se nos Descobrimentos, implicando-se mútua e reciprocamente a inteligência com a acção, corporizadas e simbolizadas na acção de Leonardo Da Vinci. Em resumo: «a antiguidade legara-nos constituído o mundo das cousas e das qualidades. A Idade Moderna empreenderá a constituição do mundo do movimento»²². A Física experimental dos séculos XVII e XVIII aliou Geometria analítica e Cálculo infinitesimal, cumprindo o programa esboçado por eleatas e atomistas e eliminando os escolhos com os quais estes se defrontaram na Antiguidade.

Vitorino Magalhães Godinho insiste sempre na contextualização histórica dos problemas filosóficos, sustentando que estes não são meras abstracções, necessitando de coordenadas espaço-temporais e de condições económicas, políticas e sociais para se desenvolverem, influenciando-as, por sua vez.

Assim, a consolidação científica nos séculos XVII e XVIII resultou das contradições epocais e condicionou-as, dado que a nobreza e o clero continuavam a deter as principais propriedades e os lugares nas Cortes europeias. Descartes e Galileu foram vítimas da intolância religiosa mas, na obra do primeiro, onde persiste curiosamente a terminologia escolástica, como mais tarde em Newton, sente-se, no entender de Vitorino Magalhães Godinho, o cruzamento da Mecânica racional com uma Metafísica e a Teologia dogmática. Com Malebranche agudiza-se o *mito dos dois mundos*, não resistindo a sua análise aprofundada à irrupção das suas convicções religiosas. A *filosofia da imanência* de Spinoza e a *filosofia da transcendência* de Malebranche parecem constituir, de certo modo, leituras sobre Descartes. O racionalismo europeu em finais do século XVII sofre a influência da crise da metafísica e da ciência cartesianas.

20 GODINHO, 1971 [1940]: 9.

21 GODINHO, 1971 [1940]: 23.

22 GODINHO, 1971 [1940]: 29.

Magalhães Godinho defende uma perspectiva relacional, postergando a anterioridade ou superioridade do conhecimento inteligível e do sensível, sublinhando o papel decisivo e alegadamente *revolucionário* de Kant na consideração do problema da percepção e do juízo de relação no exercício da crítica:

*Kant deixa aperceber nitidamente que a crença no mundo inteligível nasce das dificuldades do ponto de vista prático. [...] A revolução Kantiana significa o golpe de morte no mito dos dois mundos*²³.

O historiador advoga a importância da Lógica para o conhecimento científico, mas entende que a Lógica aristotélica deve ser analisada, mantendo relevância. Todavia, argumenta que a dita deve ser superada. Tal tarefa reveste-se de uma certa urgência nas primeiras décadas do século XX, dado que, no ponto de vista do futuro licenciado em Histórico-Filosóficas, Husserl retomara a intuição das essências platónico-aristotélicas. Contra esta perspectiva, o autor adverte: «Não podemos seguir as sinuosidades desta corrente doutrinária»²⁴. Magalhães Godinho considera, pelo contrário, que a verdade se situa historicamente e resulta da relação entre razão e experiência, onde a coexistência oblitera quaisquer prevalências hierárquicas.

O historiador confere um lugar de tal modo central às operações na Matemática, no plano cognitivo e da experiência, que o leva a matizar uma sinonímia estrita e exclusiva com uma perspectiva axiomática, alargando horizontes e defendendo a necessidade de uma dinâmica construtiva:

*Um objecto não é definido independentemente das relações e operações. Para a psicologia empirista, decerto, um objecto é um feixe de imagens, um agregado de qualidades*²⁵.

A construção do objecto pressupõe operações, mas também relações com o sujeito. Note-se a preocupação de Magalhães Godinho em colocar em causa um pensamento dualista, dicotómico, disjuntivo, propondo, em alternativa, a conjugação das diferenças, apostando numa Lógica e numa Epistemologia relacionais. Assim termina o segundo capítulo de *Razão e História*, na linha de Brunschvicg.

Num terceiro andamento, Magalhães Godinho analisa *o esquema da identificação e a História da razão*, defendendo a relação entre os dois elementos fundamentais deste enunciado.

Para o historiador, não só o irracional é parcialmente passível de racionalização, como também se deve evitar a sua radicalização por via do irracionalismo. Sublinhe-se a extrema relevância da problematização e da criação de redes, cruzamentos, emaranhados de ligações no pensamento de Magalhães Godinho.

²³ GODINHO, 1971 [1940]: 39.

²⁴ GODINHO, 1971 [1940]: 41.

²⁵ GODINHO, 1971 [1940]: 73.

A meio de Oitocentos, a lei física que, até Newton e Helmholtz, era relação entre acções atractivas e repulsivas de elementos materiais numa linha recta, foi seriamente abalada pela descoberta das acções transversais em Electricidade, pela nova lei de Maxwell no electromagnetismo e pela acessibilidade do átomo à experimentação²⁶.

Para além da continuidade e descontinuidade, Magalhães Godinho analisa as noções de espaço e de tempo, sobretudo o primeiro, sujeitando a perspectiva kantiana a uma crítica. No entender do historiador português, Kant opôs-se a Newton, que entendia as duas coordenadas exclusivamente enquanto realidades metafísicas, e a Leibniz, que via as noções referidas apenas como conceitos. Para o autor de *Razão e História*, «o espaço e o tempo não são cousas em si, não são absolutos, só existem pela conexão mútua e pelo sistema de relações de medida»²⁷.

Nas conclusões de *Razão e História*, Vitorino Magalhães Godinho volta a apelar a uma ultrapassagem do empirismo e do racionalismo clássicos, em nome de uma conciliação entre razão e experiência, assente no devir histórico. Importa, neste momento, analisar outras propostas que parecem convergir para uma defesa anti-metafísica da ciência, anteriores e posteriores à obra analisada de Vitorino Magalhães Godinho, que, por seu turno, em 1943, escreveu *Esboços de Lógica*, de cariz pedagógico-didáctico, trabalho que não será alvo de atenção específica neste estudo.

2.3. RAZÃO E HISTÓRIA DE VITORINO MAGALHÃES GODINHO E OS OUTROS

No entender de José António Alves, a década de 40 do século XX correspondeu a um período de mudança, transformação e viragem na Filosofia em Portugal, arriscando mesmo a chamar-lhe *ressurgimento*: «a década de 1940, em Portugal, foi um tempo de viragem em termos científicos e filosóficos»²⁸.

Quando Vitorino Magalhães Godinho apresentou a sua dissertação de licenciatura *Razão e História* em 1940, ainda a década se encontrava a dar os seus primeiros passos, pelo que o seu contributo é certamente, no plano cronológico, um dos primeiros a equacionar e a problematizar a referida viragem. Convém lembrar que, para a ciência em geral, no entender de Augusto Fitas, Marcial Rodrigues e Maria de Fátima Nunes, o Estado Novo ergueu vários obstáculos durante a sua vigência, situação que não o impediu de também expressar apoios, embora tenha manifestado também resistências fortes a agentes de mudança, como Magalhães Godinho, entre outros²⁹.

Vitorino Magalhães Godinho cita a *Introdução à Filosofia*, de Newton de Macedo, mas não faz o mesmo relativamente a duas conferências de Abel Salazar, que não deixam de ser importantes, sobre a *Posição actual da ciência, da filosofia e da religião*, realizadas a 3 de Fevereiro de 1933, na Faculdade de Medicina de Lisboa. Todavia, nota-se bem mais a presença em *Razão e História* de um quadro teórico e metodológico tributário de *Situa-*

²⁶ GODINHO, 1971 [1940]: 97.

²⁷ GODINHO, 1971 [1940]: 115.

²⁸ ALVES, 2011.

²⁹ FITAS, *et al.*, 2003: 421

ção *Valorativa do Positivismo*, estudo escrito por Delfim Santos entre finais de 1936 e princípios de 1937, na sequência de investigações decorrentes de uma permanência de três anos em Viena³⁰.

No entanto, Newton de Macedo limita-se a referenciar sem analisar a lógica, ao contrário do que faz, aprofundadamente, Magalhães Godinho. Por outro lado, Macedo, escrevendo nos *anos 20*, ainda se atém a categorias não desenvolvidas em *Razão e História*. Defende um prisma analítico baseado em categorias que Godinho reequacionará ou matizará, nuns casos, pondo-as de parte noutros. Macedo também defende o carácter histórico do exercício filosófico. Esses factores que Newton defende são o momento dialéctico, as individualidades e o meio³¹.

Quanto aos trabalhos de Abel Salazar, o primeiro parte da análise da actualidade e apenas recua até Galileu e Descartes, no que concerne ao pensamento científico, que apoia, em detrimento do metafísico³². Abel Salazar atenta em situações complexas ao longo da história, dado que em Descartes conflui um racionalismo que considera apenas dedutivo, e que convém ultrapassar, que denomina *absolutismo*, defendendo, em alternativa, o *abdicionismo*, que filia na dúvida metódica. Faz o mesmo exercício em relação a Kant, cujo apriorismo rejeita, pugnado pelo criticismo, filiando aquele na primeira tendência e este na segunda³³.

Na época em que Abel Salazar escreve confundem-se ainda, em seu entender, a metafísica e a ciência. Compromete-se com a segunda, mas considera os perigos de um possível *absolutismo negativo* na rejeição da metafísica, que conduza à instauração de uma metafísica científica, por via da *totalização da experiência*³⁴.

Vitorino Magalhães Godinho também sustenta o enraizamento de um *racionalismo anti-metafísico* e *anti-dogmático*, mas parece afastar-se do *determinismo positivista* que, em nosso entender, é uma das perspectivas possíveis resultantes da leitura das conferências de Abel Salazar³⁵.

No entender de Brandão da Luz, este trabalho, o de Magalhães Godinho e as obras *Filosofia e História*, de Magalhães-Vilhena, dada à estampa em 1941, e *A Escola de Viena e alguns problemas de conhecimento*, de Egídio Namorado, publicada em 1945, fazem parte de um conjunto que procede à crítica (cúmplice, relativa e parcial) do *neopositivismo* do *Círculo de Viena*, que o primeiro conheceu de perto, contactando com alguns dos seus vultos.

O *Círculo de Viena* dividiu-se, grosso modo, em duas correntes, a empirista, que considerava ser possível conhecer factos, e a analítica, muito centrada nos enunciados. Delfim Santos considera que os neopositivistas analisavam a verdade tendo em consideração dois caminhos distintos. No primeiro caso, o da correspondência com uma verdade exterior. No segundo, através da procura da coerência interna dos enunciados.

30 SANTOS, 1938: 5-23.

31 MACEDO, 1926: 275-994.

32 SALAZAR, 1989 [1933]: 11.

33 SALAZAR, 1989 [1933]: 11-18.

34 SALAZAR, 1989 [1933]: 28-30.

35 Sobre este autor, ver, entre outros trabalhos, a dissertação doutoral de Norberto Cunha (CUNHA, 1997).

No entanto, a atitude *anti-metafísica* partilhada pelas duas orientações, no entender do filósofo português, podia resvalar para o seu contrário, ou seja, a afirmação de uma metafísica peculiar. Ora, Delfim Santos manifesta reticências face a essa possibilidade e critica os *neopositivistas* pelo facto de, apesar das diferenças entre eles, tenderem para considerar a Lógica, simbólica ou clássica, ou o conhecimento empírico como absolutos, manifestando a insuficiência das duas perspectivas. O filósofo não rejeita liminarmente a Lógica clássica, mas apela à sua superação. Vitorino Magalhães Godinho cita a obra em questão de Delfim Santos na bibliografia de *Razão e História*. Nota-se que terá lido e absorvido estas posições expostas, concordando maioritariamente com elas, embora pareça mover-se mais circunstanciadamente no interior da análise de pendor lógico, postulando, igualmente, a insuficiência e fragilidade de um primado absoluto que lhe fosse conferido.

Três anos volvidos sobre a publicação de *Razão e História* de Vitorino Magalhães Godinho, Vasco Magalhães-Vilhena retomou o tópico das relações entre a História e a Filosofia, mas ateu-se menos a considerações sobre Lógica, dispensando largamente o aparato formal inerente, enveredando por uma linguagem menos especializada ou técnica. O seu estudo, intitulado, directamente e sem subterfúgios, *Filosofia e História*, começa por uma citação de David Hume, que, conforme o autor demonstra, se dedicou, em separado, aos dois âmbitos em consideração, sem nunca os cruzar através da História da Filosofia³⁶. Nessa medida, a História da Filosofia não poderia ignorar esta base conceptual, aproximando-se dela e assimilando-a em alguns aspectos, relativos à necessidade de apuramento de factos ou à existência e utilização das regras metodológicas da crítica histórica. Magalhães-Vilhena, defensor do materialismo dialéctico, critica as interpretações mecanicistas e o fechamento no interior de um sistema a que se presta, alegadamente, Hegel, mas reconhece a necessidade de estabelecer a inteligibilidade e continuidade do processo histórico.

Por seu turno, Egídio Namorado publicou *A escola de Viena e alguns problemas de conhecimento em 1945*, cinco anos depois de *Razão e História*, de Vitorino Magalhães Godinho³⁷. Egídio Namorado ensaia um exame da Escola de Viena, partindo da análise de um problema, que radica na indagação do cumprimento (ou não) do desiderato a que a referida Escola se propusera, avaliando as respectivas teses. Por outro lado, considera que a abordagem de um sistema pode pressupor três caminhos: a aceitação, a rejeição liminar, ou um compromisso entre ambas, parecendo, ao longo do texto, seguir essencialmente esta última via.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurámos analisar algumas das relações possíveis entre a História e a Filosofia, partindo de uma revisão bibliográfica assumidamente breve e lacunar, em torno de

³⁶ MAGALHÃES-VILHENA, 1943: p. 5.

³⁷ NAMORADO, 1945: 9, 13.

Roger Chartier, Pascal Engel e do debate sobre uma obra de Chris Lorenz, publicada em 2009.

Em relação ao primeiro, concordamos com a necessidade da tripla *operação historiográfica* que Certeau explicou em *L'écriture de l'histoire*, aplicável à História da Filosofia e à Filosofia da História, ao arrepio de uma visão *substancialista* desta última.

Por outro lado, consideramos útil a posição de Pascal Engel, situável no âmbito da Filosofia Analítica, defensora da possibilidade de a actividade filosófica dispensar teórica e metodologicamente a História da Filosofia. Todavia, *o realismo interno* de Lorenz, na linha de Hilary Putnam e Lakatos, parece, por vezes, demasiado *intangível*, faltando-lhe a historicidade de exemplos concretos.

Esse apelo à História e à historicidade, baseado no cruzamento da Filosofia com a História e num racionalismo não-metafísico nem dogmático, fora concretizado, no caso português, entre outros, por Vitorino Magalhães Godinho, na sua obra *Razão e História*, publicada em 1940, a cuja análise se procedeu neste estudo, comparando este trabalho com outros, anteriores e posteriores, todos *anti-metafísicos*, como o positivismo lógico da *Escola de Viena* pretendia ser, mas criticando, na maioria dos casos, o seu alegado anti-historicismo.

No que respeita à importância de Magalhães Godinho para a Lógica em Portugal, subscrevemos o papel relevante que lhe reconhece José Manuel Curado, que situa o historiador entre Vieira de Almeida, introdutor da Lógica simbólica em Portugal, que fora professor de Lógica de Godinho, e Edmundo Curvelo, dois vultos nestas matérias. Curado elogia a obra em análise, e considera o autor uma *promessa forte*, embora defenda que é excessivamente idealista no que concerne ao âmbito em discussão: «A teoria metodológica de Godinho enferma de um idealismo excessivo que faz da lógica formal»³⁸. Neste estudo defende-se que a apetência de Godinho para a problematização e o carácter problemático do conhecimento possam ter tido influência de Vieira de Almeida.

Nesta investigação, em jeito de conclusão, concordamos com os pontos de vista de Augusto Fitas, Marcial Rodrigues e Maria de Fátima Nunes, a propósito de *Razão e História*³⁹:

Em Portugal, o trabalho de Vitorino Magalhães Godinho marca, de certo modo, o início nos meios filosófico-científicos do debate crítico em relação às teses defendidas pela Escola de Viena. O tom crítico acentuar-se-á com o tempo e vai colocar frente a frente duas opiniões: a defensora de uma Filosofia da Ciência a que só interessa o estudo das regras da lógica da elaboração do conhecimento científico; uma outra, partidária da filosofia da ciência, que estuda a ciência recorrendo também à história da elaboração das suas teorias.

³⁸ CURADO, 2003: 339; 340; 341; 343.

³⁹ FITAS; RODRIGUES e NUNES 2003: 421.

BIBLIOGRAFIA

- CHARTIER, Roger (1995) – *Philosophie et histoire: un dialogue*. In BÉDARIDA, François, coord. – *L'Histoire et le métier de l'historien en France, 1945-1995*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, p. 149-167.
- CUNHA; Norberto Ferreira da (1997) – *Génes e evolução do ideário de Abel Salazar*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- CURADO, José Manuel (2003) – *Lógica em Portugal no século XX*. In CALAFATE, Pedro, coord. – *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 2. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 327-419.
- ENGEL, Pascal (1995) – *La philosophie peut-elle échapper à l'histoire?* In BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique, coord. – *Passés Recomposés. Champs et chantier de l'histoire*. Paris: Autrement, p. 96-111.
- FITAS; Augusto J. S.; RODRIGUES Marcial A. E.; NUNES, Maria de Fátima (2003) – *A Filosofia da Ciência no Portugal do século XX*. In CALAFATE, Pedro, coord. – *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 2. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 421-582.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (1943) – *Esboços sobre alguns problemas de Lógica*. Lisboa: Coimbra Editora.
- (1971) – *Ensaio IV. Humanismo Científico de reflexão filosófica*. Lisboa: Sá da Costa, p. XI-XXIV.
- (1971 [1940]) – *Razão e História (Introdução a um Problema)*. In *Ensaio IV. Humanismo Científico de reflexão filosófica*. Lisboa: Sá da Costa, p. 5-131.
- LUZ, José Luís Brandão da (1987) – *Introdução à epistemologia. Conhecimento, verdade de história*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- MACEDO, Newton de (1926) – *Introdução à Filosofia seu significado e valor*. Porto: Renascença Portuguesa.
- MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (1943) – *Filosofia e História*. Coimbra: Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra.
- NAMORADO, Egidio (1945) – *A Escola de Viena e alguns problemas de conhecimento*. Coimbra: Atlântida.
- SALAZAR, Abel (1989) – *Duas conferências sobre A Posição Actual da Ciência, da Filosofia e da Religião*. S. Mamede de Infesta: Casa Museu Abel Salazar.
- SANTOS, Delfim (1938) – *Situação valorativa do Positivismo*. Berlim: Instituto de Alta Cultura.
- SOUSA, José Manuel Guedes de (2012) – *Vitorino Magalhães Godinho, História e cidadania nos anos 40*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado em História Moderna e Contemporânea.

WEBGRAFIA

- ALVES J. António (2011) – *A correspondência filosófica de Edmundo Curvelo: a relevância da década de 1940 para a renovação da filosofia em Portugal*. «Krisis. Actas das III jornadas internacionais de jovens investigadores em filosofia», p. 33-46. Disponível em <https://www.academia.edu/3993249/A_correspond%C3%Aancia_filos%C3%B3fica_de_Edmundo_Curvelo_a_relev%C3%A2ncia_da_d%C3%A9cada_de_1940_para_a_renova%C3%A7%C3%A3o_da_filosofia_em_Portugal>. [Consulta realizada em 15/03/2015].
- BRZECHCZYN, Krzysztof (2014) – *Between positivism and narrativism in Polish methodology of history*. «Historein. A review of the past and other stories», vol. 1, p. 75-87. Disponível em <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/234/189>>. [Consulta realizada em 10/03/2015].
- BOBAKO, Monika (2015) – *Postcolonial theory and false dichotomies*. «Historein», 14.1 (2014): 95-97.
- DOMANSKA, Ewa (2014) – *Chris Lorenz's idea or conceptual inversion*. «Historein. A review of the past and other stories», vol. 1, p. 93-94. Disponível em <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/214/191>>. [Consulta realizada em 10/03/2015].
- LORENZ, Chris (2014) – *Exporations between history and philosophy*. «Historein. A review of the past and other stories», vol. 1, p. 59-70. Disponível em <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/217/187>>. [Consulta realizada em 10/03/2015].

- (2014) – *A reply to my critics*. «Historein. A review of the past and other stories», vol. 1, p. 98-103. Disponível em <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/222/204>>. [Consulta realizada em: 10/03/2015].
- SANTOS, Filipe Delfim – *Arquivo Delfim Santos*. Disponível em <<http://www.delfimsantos.org/BIBLIOGRAFIA.htm>>. [Consulta realizada em 30/03/2015].
- TUCKER, Aviezer (2014) — *On the «Strudel and apples» theory of historiography: A reply to Chris Lorenz*. «Historein. A review of the past and other stories», vol. 1, p. 88-92. Disponível em <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/226/190>> [Consulta realizada em 10/03/2015].
- WHITE, Hayden (2014) – *On the research and the writing fase of historian's work*. «Historein. A review of the past and other stories», vol. 1, p. 71-74. Disponível em <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/227/188><http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/227/188>>. [Consulta realizada em 10/03/2015].